

***Völkerwanderung*: a renovação de um conceito**

Völkerwanderung: the renovation of a concept

Geraldo Rosolen Junior*

Resumo: Neste artigo, discutimos a utilização do conceito *Völkerwanderung*, seu surgimento e popularização, dando ênfase ao que consideramos como um giro historiográfico a partir das contribuições de Klaus Rosen e Walter Pohl em meados dos anos 2000. Eles interpretam esses grandes movimentos migratórios dos séculos V e VI dentro de seus respectivos marcos temporais, e uma perspectiva de coesão étnica mantida entre os germânicos desde o século primeiro até a formação dos Estados Nacionais. Também analisamos, como o conceito *Völkerwanderung* tem sido utilizado por neorromanistas ligados a grupos antimigração para sustentar a ideia de que grandes contingentes migratórios tendem a desestruturar os países, culturas e povos onde se estabelecem. É importante destacar que o termo “bárbaro” é utilizado apenas como referência aos não-romanos, e não tem como objetivo replicar aspectos pejorativos associados à palavra.

Abstract: This article examines the use of the concept of *Völkerwanderung*, its emergence and popularization, and highlights what we believe to be a historiographical turn based on the contributions of Klaus Rosen and Walter Pohl in the mid-2000s. They interpret these major migration movements of the fiftieth and sixth centuries in their respective temporal frameworks and a perspective on the ethnic cohesion of Germans from the first century to the formation of nation-states. We have also analyzed how the concept of *Völkerwanderung* was used by neo-Romanists associated with anti-migration groups to support the idea that large migration contingents tend to destroy the countries, cultures, and peoples in which they settle. It is important to note that the term “barbarian” is used only to refer to non-Romans and does not reflect the pejorative aspects associated with the word.

Palavras-chave:
Völkerwanderung.
Invasões Bárbaras.
Historiografia.

Keywords:
Völkerwanderung.
Barbarian Invasions.
Historiography.

Recebido em: 08/05/2023
Aprovado em: 09/06/2023

* Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo.

A redenção da *Völkerwanderung*

O termo *Völkerwanderung* foi inicialmente difundido entre os humanistas alemães por meio da redescoberta da *Germania*, de Tácito, devido à utilização de termos latinos como *commigraverint* (ANDRADE, 2011, p. 37) e outros sinônimos, como *imigrasse* (ANDRADE, 2011, p. 42), utilizados por esse escritor romano. Esses termos latinos foram interpretados, no século XVI, como um indicativo de que os movimentos migratórios eram características naturais dos povos germânicos (ROSEN, 2002; STEINACHER, 2017).

Dessa forma, inserido dentro de um movimento erudito de seu período, Willibald Pirckheimer (1470-1530) pode ser considerado o precursor da *Völkerwanderung*, ao usar os termos latinos *emigrare* (PIRCKHEIMER, 1530, p. 35; 50; 55), *demigrare* (PIRCKHEIMER, 1530, p. 35), *immigrare* (PIRCKHEIMER, 1530, p. 42) e *transmigrare* (PIRCKHEIMER, 1530, p. 45; 68) em seu livro *Germaniae ex variis scriptoribus perbrevis explicatio*, de 1530. Ao se referir aos povos situados a leste do Reno e ao norte do Danúbio como povos migrantes: "*gentium transmigratio[n]e*" (PIRCKHEIMER, 1530, p. 68), Pirckheimer abriu um precedente importante que direcionou os humanistas alemães a rejeitarem a perspectiva de que a chegada de povos ditos germânicos¹ ao Império Romano teria sido uma avalanche de invasões bárbaras.

Assim, tais usos terminológicos haviam representado uma transformação intelectual e o definitivo rompimento com as perspectivas de "invasão".² Principalmente após Wolfgang Lazius (1514-1565) ter considerado os povos germânicos como ancestrais do Império Habsburgo. De acordo com Klaus Rosen (2002), o termo aparece, em língua alemã, escrito pela primeira vez no plural como *Völkerwanderungen*, no *Zedlers*

¹ Colocamos o termo germânico entre aspas, pois seguimos a orientação de Jörg Jarnut (2004) e Walter Goffart (2006) que consideraram que, embora o termo esteja presente nas fontes romanas, nenhum dos povos que atravessaram os rios Reno e Danúbio se reconheciam dessa forma. Aliás, Tácito já havia afirmado que o termo 'Germânia' e 'germânicos' havia surgido em seu tempo, e que esses povos de fato, não se intitulavam como germânicos (ANDRADE, 2011, p. 11-12).

² A historiografia anterior tinha uma análise historiográfica muito semelhante à visão encontrada nas fontes romanas (principalmente eclesiásticas) dos séculos V e VI, as quais observaram os povos bárbaros como invasores, saqueadores e, principalmente, destruidores da civilização romana, acarretando uma crise geral do Império Romano, levando-o ao seu colapso. Como sugerem Rummel (2008) e Steinacher (2016), muitos dos relatos sobre a destruição de edifícios, portos e cidades inteiras, são exagerados e incompatíveis com as evidências arqueológicas, mas trazem uma construção literária, das quais seus escritores forçavam uma separação identitária entre bárbaros e civilizados, a fim de estimular o confronto e a resistência romana, ao mesmo tempo em que associavam os bárbaros à violência e destruição, opostos aos ideais de civilização das fontes eclesiásticas romanas. Para Lössl (2013), essa tentativa de incitar a violência por meio da retórica era comum e usual entre clérigos no período das migrações, sendo utilizada naquilo que consideravam uma grave ameaça aos valores cristãos, e a própria destruição de um mundo cristão-civilizado. Como observado por Patrick Geary (2005), havia um impulso escatológico na narrativa histórica cristã, que refletiu em toda historiografia posterior e colaborou na criação e difusão de conceitos amplamente utilizados, tais como: invasões bárbaras, crise e/ou queda do Império Romano. Atualmente, a historiografia que compreende as "invasões" enquanto fator determinante para a destruição e colapso do Império Romano é reconhecida como neorromânica, devido à sua inclinação às perspectivas das fontes romanas. Seus principais expoentes são Bryan Ward-Perkins e Peter Heather.

Universallexikon, escrito por Johann Heinrich Zedler, em 1746, e, em 1778, utilizado pela primeira vez no singular *Völkerwanderung*, por Michael Ignaz Schmidt, na obra *Geschichte der Deutschen*, e que, desde então, passou a assumir essa flexão. Contudo, Wolfgang Lazius (1600, p. 12-13) já havia utilizado um termo latino equivalente, "*Gentium migrationibus*", no prefácio de sua obra *De gentium aliquot migrationibus, sedibus fixis, reliquiis, linguarumque initiis et immutationibus ac dialectis*, de 1557. Portanto, Rosen (2002) considera que a inserção do termo em um léxico indica que o termo em alemão já vinha sendo utilizado como correspondente para os termos latinos encontrados nas obras do século XVI (STEINACHER, 2017).

Desde então, o conceito da *Völkerwanderung* sofreu inúmeras transformações desde seu primeiro uso, no século XVI. Como sugere Uta Heil (2016), alguns pesquisadores menos atentos a essas alterações conceituais são críticos ao uso do termo, em decorrência de ter sido utilizado por nacionalistas entre os séculos XIX e XX. Esses pesquisadores nacionalistas tinham como objetivo reafirmar uma suposta associação entre os povos que atravessaram as fronteiras imperiais, no século V, com aqueles descritos por Plínio, o Velho, e por Tácito, no século I. De modo que identificavam uma falsa coesão étnica dos povos do século I com os povos do século V (POHL, 2004; 2013; JURT, 2013; STEINACHER, 2017).

Somente em 1961, com a publicação de *Stammesbildung und Verfassung: Das Werden der frühmittelalterlichen gentes*, escrito por Reinhard Wenskus, houve uma tentativa de reformular o campo de pesquisa sobre as identidades étnicas no início da Idade Média. Wenskus (1961) foi um dos principais expoentes do rompimento da visão tradicionalista europeia, que buscava, no passado distante, as bases dos Estados Nacionais contemporâneos, desestruturando essa suposta relação dos Estados Nacionais com seus povos ancestrais e etnicamente imutáveis.

Wenskus (1961) propôs que os Reinos Bárbaros que se estabeleceram na *Pars Occidentalis*, nos séculos V e VI, tinham mecanismos de integração identitária muito complexos, levando-o a criar o conceito da *Traditionskern*, através do qual afirmava que o acesso às aristocracias bárbaras não estava limitado pela linhagem sanguínea (descendência biológica) dos membros. Pelo contrário, ele considera que esses Reinos Bárbaros eram multiétnicos e a adoção das práticas culturais e das tradições régias e/ou aristocráticas, bem como o reconhecimento do poder real, eram os principais indicadores de adaptação e integração das populações locais aos reinos que foram estabelecidos nas províncias ocidentais (WENSKUS, 1961).

Assim, Heinrich Beck (2006) e Helmut Reimitz (2012) identificaram que Wenskus influenciou diversas gerações posteriores de pesquisadores interessados no período inicial

da Idade Média, seja porque rompe com as perspectivas de pureza racial, como também fornece uma alternativa metodológica de interpretação para as fontes do período.

Para Reimitz (2012), o conceito da *Traditionskern* forneceu a base para as posteriores contribuições dos austríacos Herwig Wolfram e Walter Pohl acerca da etnogênese e identidade étnica, mas também influenciou outros pesquisadores não-germanistas, como Patrick Geary, Peter Heather, Andrew Gillet, dentre outros.

Desse modo, observamos que esses debates sobre as identidades bárbaras, a partir dos anos 2000, foram vitais para reintroduzir, rediscutir e reformular o conceito da *Völkerwanderung*, de modo que rompesse definitivamente com as tentativas de associar os povos bárbaros do século I àqueles que penetraram as fronteiras imperiais no século V.

Em 2002, o então professor da Universidade de Bonn, Klaus Rosen (2002), havia sugerido que o termo deveria ser empregado exclusivamente entre 378, ano que ocorre a batalha de Adrianópolis, até 585, que marca a incorporação do Reino Suevo ao Reino Visigótico, sob Leovigildo. O termo inclusive passou a ser aceito até por Walter Goffart (2002), que é hoje considerado, junto com Michael Kulikowski, um dos principais críticos da chamada historiografia germanista.

Assim, em 2005, com a publicação do livro *Die Völkerwanderung. Eroberung und Integration*, de Walter Pohl, o conceito passou a ser largamente aceito pela historiografia contemporânea, mas adota uma proposição pouco diferente de Rosen (2002), pois insere o conceito entre 375, com a chegada dos hunos na Panônia, até 568, com a chegada dos lombardos na Itália. Outra característica deste livro é que a *Völkerwanderung* também adotou como característica apresentar a grande diversidade e integração dos povos bárbaros com os romanos no interior das fronteiras do Império (POHL, 2005; 2013; HEIL, 2016; STEINACHER, 2017).

Além disso, Rosen (2002), Pohl (2005; 2013) e Hardt (2015), através dessas perspectivas, colaboram na desconstrução do mito de destruição e queda do Império Romano, por inserirem eventos à *Völkerwanderung* como uma opção válida para os estudos do medievo nas províncias orientais, como a batalha de Adrianópolis. Assim, o conceito consegue abranger uma dinâmica de interpelação entre Ocidente e Oriente, bem como a gradual substituição e deslocamento dos centros de poder do Império Romano rumo às províncias orientais.

Hubert Fehr e Philipp von Rummel, em 2011, identificaram que a *Völkerwanderung* havia assumido um significado dicotômico. Por um lado, ela indica um período, como uma denominação temporal atribuída pelos historiadores contemporâneos entre o final da Antiguidade e início da Idade Média. Por outro, ela também representa um evento: "O estabelecimento de associações guerreiras que se mantinham distantes das fronteiras

imperiais e a fundação de reinos nos territórios do Império Ocidental” (FEHR; RUMMEL, 2011, p. 8, tradução nossa).

No entanto, Fehr e Rummel (2011) consideram que não haveria ocorrido uma migração de povos inteiros, mas sim de associações de guerreiros que desenvolveram e criaram laços de fidelidade e lealdade com os povos locais, dos quais, muitas vezes, haviam composto as fileiras do exército romano. Dessa forma, essas associações de guerreiros haviam imposto uma identidade régia com base na identificação de seus líderes militares. Com base nestas mesmas perspectivas, é que Walter Pohl havia considerado o processo migratório desses povos como um grande processo de integração para e com os povos locais, que se associavam às identidades e se colocavam sob o poderio político e militar dessas titularias régias.

Tais questões podem ser avaliadas nas migrações de alanos, vândalos e suevos rumo às províncias da Hispânia entre 406 e 419, quando os povos que haviam se reunido sob a liderança de Addax, o rei dos alanos, efetuaram a divisão dos territórios entre eles, fato que Hidácio de *Aquae Flaviae* narra como sendo o evento de onde emergem as identidades régias, associadas às lideranças que detêm:

Os vândalos [asdingos] tomaram posse da Gallaecia e os suevos ficaram posicionados na extremidade ocidental [próximo] ao Oceano. Os alanos ficaram com a Lusitânia e com a Carthaginiensis, e os chamados vândalos silingos escolheram a Bética (Hydatii Lemici, *Chronicorvm*, XVII, 49, tradução nossa).³

Assim vemos, como exemplo, a divisão dos vândalos em asdingos e silingos, não apenas em suas lideranças, mas que também é exposta através de uma divisão territorial. Contudo, é interessante analisar que, a partir da morte do rei Addax, e com o extermínio de vândalos silingos e alanos promovidos por Vália, rei dos visigodos, que estavam sob o comando dos exércitos imperiais, como demonstra Idácio: “O rei dos godos Vália, em nome de Roma, entrou na Hispânia, e cometeu um grande massacre contra os bárbaros” (Hyd., *Chron.*, XXIII, 63, tradução nossa).⁴ Com isso, Gunderico, rei dos vândalos asdingos, unificou seu povo sob sua autoridade após o massacre dos silingos, bem como ascendeu a líder da coalizão por escolha dos alanos e vândalos. Entretanto, é possível perceber conflitos internos e disputas pela sucessão da liderança com o rei Hermerico dos suevos, acarretando na cisão da aliança entre esses três povos.

³ “*Gallaeciam Vandali occupant et Suevi sita in extremitate oceani maris occidua: Alani Lusitaniam et Carthaginiensem provincias et Vandali cognomine Silingi Baeticam sortiuntur*”.

⁴ “*Vallia rex Gothorum Romani nominis causa intra Hispanias caedes magnas efficit barbarorum*”.

Assim, convém apresentar que, nos reinados de Gunderico (406-428) e de Genserico (428-477), a titularia régia *rex vandalarum* abrangia pessoas de diversas origens, desde silingos, alanos e provinciais, inicialmente da Galécia e Bética e, posteriormente, com a travessia para a África em 429, passou também a incorporar mouros, nativos do norte da África, bem como das ilhas mediterrânicas.

Dessa forma, a *Völkerwanderung* nos revela um aporte metodológico que permite desenvolver pesquisas e discussões que superam as constantes dicotomias identitárias das fontes, que colocam romanos civilizados em oposição aos bárbaros selvagens, características estas reforçadas por historiadores neorromânicos através da compreensão das “invasões bárbaras”, que pouco ou nada contribuem para os estudos acerca das identidades no início do Medievo.

As invasões e seus usos na contemporaneidade

Desse modo, a renovação da *Völkerwanderung* buscou romper categoricamente com a perspectiva britânica-neorromânica de Bryan Ward-Perkins (2005) e Peter Heather (2005), que avaliam que a “invasão” dos povos bárbaros, no século V, teria sido o principal fator de destruição do Império Romano.

De acordo com Uta Heil (2016), a partir de 2015, com a crise de refugiados e após o ataque terrorista em Paris, no mesmo ano, houve um aumento expressivo da utilização dos teóricos britânicos citados acima por grupos xenofóbicos e anti-imigração, que afirmavam que a Europa estaria sob uma ameaça iminente de colapso, principalmente, pela chegada de refugiados não-brancos e não-cristãos.

Como exemplo, Heil (2016) cita o artigo do professor emérito da Universidade Livre de Berlim, Alexander Demandt (2016), *Untergang des Römischen Reichs: Das Ende der alten Ordnung*, publicado no jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. No texto, o autor abertamente assume que o mesmo texto havia sido rejeitado pelo jornal *Die politische Meinung* e, inclusive, divulga o parecer do editor, que afirmava que seu texto continha partes maliciosas: “Na minha perspectiva, algumas partes isoladas do texto correm o risco de ser mal utilizadas para construir associações muito claras com a situação atual, o que não podemos aceitar” (editor desconhecido *apud* DEMANDT, 2016, tradução nossa)⁵Inclusive, em uma breve entrevista antes do texto, Demandt afirma que o editor que rejeitou seu artigo foi estúpido.⁶

⁵ “Aus meiner Perspektive besteht die Gefahr, dass isolierte Textstellen missbräuchlich herangezogen werden könnten, um allzu einfache Parallelitäten zur aktuellen Lage zu konstruieren, die wir uns nicht wünschen können”.

⁶ Ao ser questionado pelo entrevistador sobre o que tinha a dizer acerca dessa situação (rejeição do artigo), o autor é

Logo após, ao ser questionado pelo entrevistador, Reinhard Müller, sobre o que a Alemanha poderia aprender com a queda de Roma, Demandt argumenta: “[devemos] prestar atenção às consequências [migratórias] de longo prazo. A tensão entre povos pobres e ricos é muito antiga. E o medo dos europeus sobre os povos pobres do Sul também é” (DEMANDT, 2016, tradução nossa).⁷ Ao ser questionado sobre quais conselhos Demandt daria à chanceler,⁸ o autor demonstra ser abertamente contrário à chegada de refugiados na Alemanha: “A notícia de que não vale a pena vir para a Alemanha tem que se espalhar. Não podemos perder nossa soberania” (DEMANDT, 2016, tradução nossa).⁹ Demonstrando assim que esses migrantes (*armen Völkern des Südens*),¹⁰ em sua própria opinião, colocavam em risco a cultura e a soberania do povo alemão e, em uma dimensão mais ampla, do próprio povo europeu.

É interessante observar que, alguns meses após a publicação do artigo de Demandt,¹¹ o jornal *O Globo* trazia consigo uma emblemática frase,¹² supostamente dita pela chanceler alemã Angela Merkel, em reunião com o ministro da economia alemão, para rebater uma onda xenofóbica que envolvia boa parte da população de seu país: “Refugiados não trouxeram terrorismo à Alemanha” (O GLOBO, REUTERS, 2016). Segundo a mesma matéria, a rejeição à política migratória alemã atingiu os 52% na referida data. É importante destacar não termos como objetivo, aqui, apresentar que houve uma resposta direta da chanceler a Demandt, mas expor que, à época (meados de 2016), havia uma onda de xenofobia que tinha se infiltrado na historiografia recente sobre o período da *Völkerwanderung*.

Outro exemplo de Heil (2016), que inclusive cita diretamente Ward-Perkins e Heather, pode ser conferido no jornal *The Boston Globe*, intitulado *Paris and the Fall of Rome*, de autoria do professor da Universidade de Harvard, Niall Ferguson. O autor propõe que o atentado em Paris, reivindicado pelo Estado Islâmico, seria “uma causa direta da grande *Völkerwanderung* de 2015” (FERGUSON, 2015, tradução nossa), e que era necessário estar atento a um rápido colapso da cultura e das nações europeias em face a uma crescente onda de migrantes muçulmanos. Sobre tal questão, ele afirma:

categórico: “*Das ist eine kapitale Dummheit*” (DEMANDT, 2016, np).

⁷ “*auf die langfristige Folgen von Einwanderung achten müssen. Die Spannung zwischen armen und reichen Völkern ist ural. Die Angst der Europäer vor den armen Völkern des Südens ist auch alt.*”

⁸ Na época, Angela Merkel.

⁹ “*es muss sich erst herumsprechen, dass es sich nicht lohnt, nach Deutschland zu kommen. Wir dürfen unsere Souveränität nicht aufgeben.*”

¹⁰ Povos pobres do Sul.

¹¹ Artigo publicado em 22 de janeiro de 2016.

¹² Publicado no dia 17 de agosto de 2016, em parceria com agência de notícias Reuters.

[...] uma nova geração de historiadores, como Bryan Ward-Perkins e Peter Heather, levantou a possibilidade de que a queda de Roma foi súbito – e sangrento – em vez de lenta: uma “ruptura violenta ... por invasores bárbaros” que destruíram uma civilização complexa no espaço de uma única geração [...] Processos estranhamente semelhantes estão destruindo a União Europeia hoje, embora poucos de nós queiram reconhecê-los pelo que realmente são.¹³

Observamos, assim, que, através desses referenciais, incluindo uma citação de Ward-Perkins, Ferguson apresenta uma análise islamofóbica, racista e xenofóbica, ao insinuar que os muçulmanos que estão na Europa deveriam abandonar suas crenças, pois são incompatíveis com a cultura europeia que: “abriu suas portas para forasteiros que cobiçaram suas riquezas sem renunciar à sua fé ancestral” (FERGUSON, 2015, tradução nossa).¹⁴ É interessante perceber que o autor se apropria da mesma dicotomia “bárbaros e civilizados”, quando menciona regiões como o norte da África, o Levante e o sul da Ásia como periferias do mundo ocidental, moderno, rico, religiosa e culturalmente superior. Para ele, a Europa “amante da paz”,¹⁵ estaria sendo destruída por sua complacência com os migrantes (FERGUSON, 2015).

De acordo com Paula Aparecida Viol Liguori e Luiz Henrique Bergamaschi (2017), as migrações e o terrorismo haviam se estabelecido como as duas maiores preocupações da população europeia entre 2015 e 2016, principalmente em virtude do fato de que grande parcela dos imigrantes que chegavam à Europa era composta por muçulmanos provenientes do Oriente Médio e do norte da África. O que, conseqüentemente, resultou na ascensão do partido de extrema-direita *Alternative für Deutschland*, na Alemanha (LIGUORI, BERGAMASCHI, 2017). Destacando uma crescente onda de conservadorismo, que tem como proposta reafirmações identitárias que buscam legitimações históricas e geográficas através da constatação de que a presença ancestral corroboraria uma suposta permanência étnica em determinado espaço geográfico, e que tais territórios deveriam estar limitados e condicionados a essas identidades.

Tal como Benedict Anderson (1985, p. 19-20) nos apresenta: “os Estados-nação são ‘novos’ e ‘históricos’, as nações a que eles dão expressão política assomam de um passado imemorial. [...] A mágica do nacionalismo consiste em transformar o acaso em destino”. Marie-Antoinette Hily (2003) considera que os processos migratórios tendem a ser questionados, uma vez que os Estados que recebem esses contingentes populacionais

¹³ “a new generation of historians, such as Bryan Ward-Perkins and Peter Heather, has raised the possibility that the process of Roman decline was in fact sudden — and bloody — rather than smooth: a “violent seizure . . . by barbarian invaders” that destroyed a complex civilization within the span of a single generation. [...] Uncannily similar processes are destroying the European Union today, though few of us want to recognize them for what they are”.

¹⁴ “it has opened its gates to outsiders who have coveted its wealth without renouncing their ancestral faith”.

¹⁵ “peace-loving communities”.

temem os grandes movimentos de imigração, pois acreditam que tais investidas possam ameaçar a hegemonia política e cultural de seus países.

É interessante observar, no entanto, que ambos (Demandt e Ferguson) utilizam a palavra *Völkerwanderung*, mesmo que ela tenha sido colocada em completa oposição a tais compreensões. De acordo com Roland Steinacher (2017), para esses grupos, a palavra *Völkerwanderung* é meramente um sinônimo “educado” para invasões bárbaras (FERGUSON, 2015; DEMANDT, 2016; HEIL, 2016).

Ao menos para Demandt, no entanto, é possível considerar que o termo *Völkerwanderung* é utilizado como uma mera expressão, sem sentido metodológico: “Assim, no ano de 406, as fronteiras do Reno não podiam mais ser mantidas. A migração dos povos estava em curso” (DEMANDT, 2016, tradução nossa). Isso porque, nesse artigo escrito em alemão, ele usa os termos *Völkern* (povos/nações/populações) e variações de *Bevölkern* (com o sentido de povoar, mas que também pode se referir a uma comunidade ou população), referindo-se tão somente ao ato migratório. Contudo, o alerta de Steinacher (2017) não deve ser ignorado (FERGUSON, 2015; HEIL, 2016).

Todavia, como Marcelo Cândido da Silva (2017) nos apresenta, ainda que seja possível considerar a existência de crises para o período do século V, não é mais admissível associar o colapso da *Pars Occidentalis* à chegada dos povos bárbaros, bem como também não é aceitável a utilização da compreensão de uma crise geral. Renato Viana Boy (2013) também apresenta a inexistência de um debate sobre a Queda de Roma no século VI nas fontes do período, e que tais perspectivas foram fabricadas pela historiografia contemporânea.

Considerações finais

Assim, avaliamos que a aplicação do conceito da *Völkerwanderung*, enfatiza uma perspectiva e uma metodologia bastante complexas, que inclusive rompem com as propostas neorromânicas de invasões e destruição do Império Romano, refutando o paradigma de uma suposta Idade das Trevas, na qual a civilidade teria sido substituída pela barbárie, já que compreende que as “migrações dos povos” reconfiguraram o espaço geográfico e político no Ocidente, o que promove uma transformação social e cultural, ao mesmo tempo que o Império Romano passa a concentrar sua cúpula política e econômica nas províncias orientais, com o centro de seu poder em Constantinopla.

Devido ao uso extensivo do termo em pesquisas historiográficas desde pelo menos o século XVI e em decorrência de suas recentes transformações, acreditamos, no entanto,

que ainda é preciso definir e apresentar a partir de quais parâmetros o pesquisador que irá replicá-lo em seus estudos pretende seguir.

Não resta dúvida, no entanto, que o conceito de *Völkerwanderung* e suas inovações recentes têm contribuído para uma melhor compreensão das identidades dos povos bárbaros entre os séculos V e VI. E também tem colaborado diretamente para contrapor uma perspectiva de grupos intolerantes, xenófobos, racistas e islamofóbicos, que associam de maneira desonesta o momento presente e os movimentos migratórios característicos do século XXI às supostas invasões e à destruição do Império Romano a fim de afirmar que o mundo ocidental e civilizado pode entrar em colapso com a chegada de novos contingentes populacionais.

Dessa forma, se torna não apenas necessário, mas um dever combater tais perspectivas, e a *Völkerwanderung* colabora para romper tais paradigmas, demonstrando que cada período deve ser compreendido dentro de seu próprio contexto. Além disso, colabora para demonstrar que as migrações dos povos complexificam e diversificam as sociedades que delas desfrutam.

Referências

Documentação textual

HYDATII LEMICI. Continuatio chronicorum Hieronymianorum. In: MOMMSEN, Theodor (ed.). *Monvmenta Germaniae Historica, Avctorvm antiqvissimorum XI, Chronica Minora saec. IV, V, VI, VI*, Berlin, 1894. 2 v.

LAZIUS, W. *De gentivm aliqvot migrationibvs, sedibvs fixis, reliqvii, linguarumque initiis et immutationibus ac dialectis*. Francofvrti: Andreae Wecheli, 1600.

PIRCKHEIMER, W. *Germaniae ex variis scriptoribus perbreuis explicatio*. Augustae: Hainricum Stainer, 1530.

TÁCITO. A Germânia. In: ANDRADE, M. C. A. L. S. *A Germânia de Tácito: tradução e comentários*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Obras de apoio

ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1985.

BECK, H. Wenskus, Reinhard. In: HOOPS, J. (ed.). *Reallexikon der Germanischen Altertumskunde*. Berlin: Walter De Gruyter, 2006.

- BOY, R. V. *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: Da "queda de Roma" ao período de Justiniano*. 2013. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DEMANDT, A. *Untergang des Römischen Reichs: Das Ende der alten Ordnung*. Frankfurter Allgemeine Zeitung, Frankfurt, 2015, atualizado em 22 jan. 2016. Disponível em: https://www.faz.net/aktuell/politik/staat-und-recht/untergang-des-roemischen-reichs-das-ende-der-alten-ordnung-14024912.html?printPagedArticle=true#pageIndex_2. Acesso em: 8 fev. 2021.
- FERGUSON, N. Paris and the fall of Rome. *The Boston Globe*, Boston, 16 nov. 2015. Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/opinion/2015/11/16/paris-and-fall-rome/ErlRjkQMGXhvDarTlxXpdK/story.html>. Acesso em: 8 fev. 2021.
- FEHR, H.; RUMMEL, Ph. *Die Völkerwanderung*. Stuttgart: Theiss 2011.
- GEARY, P. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad, 2005.
- GOFFART, W. *Barbarian tides: The Migration Age and the Later Roman Empire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- GOFFART, W. Does the distant past impinge on the invasion Age Germans? In: GILLET, A. (ed.). *On Barbarian identity: critical approaches to ethnicity in the early Middle Ages*. Turnhout: Brepolis Publishers, 2002.
- HARDT, M. Ethnogenesen im frühmittelalterlichen Europa. Zum gegenwärtigen Stand der Forschung. In: HAHN, K.; THUMSER, M.; WINKLER, E. (ed.). *Estnisches Mittelalter: Sprache - Gesellschaft – Kirche*. Berlin: LIT Verlag, 2015.
- HEATHER, P. *The fall of the Roman Empire: a new history of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HEIL, U. Die Völkerwanderung und die Gegenwart. *Berliner Theologische Zeitschrift*, v. 33, n. 2, p. 219-245, 2016.
- HILY, M-A. *As migrações contemporâneas: dos Estados e dos homens*. In: SEMINÁRIO CULTURA E INTOLERÂNCIA/SESC VILA MARIANA, 2003, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00609853>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- JARNUT, J. Germanisch: Plädoyer für die Abschaffung eines obsoleten Zentralbegriffes der Frühmittelalterforschung. In: POHL, W. (ed.). *Die Suche nach den Ursprüngen: Von der Bedeutung des frühen Mittelalters*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004.

- JURT, J. *Langue et nation: le débat franco-allemand entre Renan, Fustel de Coulanges et David Friedrich Strauss et Mommsen en 1870-1871*. In: MOUSSA, S. (ed.). Paris: Société des Études Romantiques et Dix-Neuviémistes, 2013.
- LIGUORI, P. A. V.; BERGAMASCHI, L. H. Em busca de um "nós": Alemanha, União Europeia e os refugiados. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 24, p.74-93, 2017.
- LÖSSL, J. Profaning and proscribing: escalating rhetorical violence in fourth century Christian apologetic. In: PUERTAS, A. J. Q. (ed.). *The purpose of rhetoric in Late Antiquity: from performance to exegesis*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013.
- O GLOBO; REUTERS. Angela Merkel: Refugiados não trouxeram terrorismo à Alemanha. *O Globo, Reuters*, 17 ago. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/angela-merkel-refugiados-nao-trouxeram-terrorismo-alemanha-19943823> Acesso: 30 mai. 2021.
- POHL, W. Barbarian migrations (Völkerwanderung). In: NESS, I. (ed.). *The encyclopedia of global human migration*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2013.
- POHL, W. *Die Völkerwanderung: Eroberung und Integration*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 2005.
- POHL, W. The Vandals: fragments of a narrative. In: MERRILLS, A. H. (ed.). *Vandals, Romans and Berbers: new perspectives on Late Antiquity North Africa*. Routledge: New York, 2004, p. 31-48.
- REIMITZ, H. Ethnogenesis. In: BAGNALL, R. S. et al. (ed.). *The encyclopedia of Ancient History*. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.
- ROSEN, K. *Die Völkerwanderung*. München: Beck, 2002.
- RUMMEL, Ph. Where have all the Vandals gone? Migration, Ansiedlung und Identität der Vandalen im Spiegel archäologischer Quellen aus Nordafrika. In: BERNDT, G. M.; STEINACHER, R. (ed.). *Das reich der Vandalen und seine (vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.
- STEINACHER, R. *Die Vandalen: Aufstieg und fall eines barbarenreichs*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2016.
- STEINACHER, R. Wanderung der Barbaren? Zur Entstehung und Bedeutung des Epochenbegriffs ‚Völkerwanderung‘ bis ins 19. Jahrhundert“. In: WIEDEMANN, F.; HOFMANN, K. P.; GEHRKE, H.-J. (ed.). *Vom Wandern der Völker: Migration Erzählungen in den Altertumswissenschaften*. Berlin: Edition Topoi, 2017.
- SILVA, M. C. Crise e fome na Alta Idade Média: o exemplo dos capitulários carolíngios. *Anos 90*, v. 24, n. 45, p.185-207, 2017.

WARD-PERKINS, B. *The fall of Rome and the end of civilization*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WENSKUS, R. *Stammesbildung und Verfassung: Das Werden der frühmittelalterlichen gentes*. Köln/Graz: Bohlau, 1961.